

AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICAS

Francicleide Cesário de Oliveira; Keutre Gláudia da Conceição Soares Bezerra

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – fran.cesario@hotmail.com; Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – kekesoares@yahoo.com.br

RESUMO:

O trabalho apresenta algumas reflexões teóricas acerca da aquisição da linguagem. Tem como objetivo traçar um percurso histórico acerca das pesquisas que envolvem a aquisição da linguagem, enfatizando as principais teorias que originaram os estudos atuais. A metodologia está fundamentada na pesquisa bibliográfica, que reúne informações e dados que servirão de base para a construção da investigação proposta. Assim, os aportes teóricos que fundamentaram este estudo advêm de pesquisas que trazem reflexões acerca da aquisição da linguagem abordando as diversas teorias que embasam os estudos contemporâneos. Diante das reflexões e análises teóricas desenvolvidas, fica posto que não existe uma corrente teórica única que dê conta de explicar o processo de aquisição da linguagem, mas há a necessidade de uma interdisciplinaridade, ou seja, um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento em que a aquisição da linguagem está envolvida.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Empirismo. Racionalismo. Interacionismo social

INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da aquisição da linguagem ganharam destaque no cenário educacional nas últimas décadas tendo em vista os resultados nas diversas pesquisas dos estudos linguísticos que abordam as teorias de aquisição da linguagem que deram origem aos estudos atuais.

Compreendendo a importância e necessidade dos estudos da aquisição da linguagem não só para a linguística, mas também para a cognição humana, Del Ré (2006) aponta que as pesquisas nessa área visam buscar explicações sobre os modos como acontece o processo de aquisição da linguagem no ser humano, desde o seu nascimento, levando em consideração os modos de expressão, as formas de interação e de comunicação com o outro.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo traçar um percurso histórico acerca das pesquisas que envolvem a aquisição da linguagem, enfatizando as principais teorias que deram origem aos estudos atuais. Adotamos como fundamentos teórico-metodológicos a pesquisa bibliográfica, que busca referências teóricas publicadas objetivando trazer informações, conhecimentos e dados sobre o tema que servirão de base para a construção da

investigação proposta. Assim, os aportes teóricos que fundamentaram este estudo advêm de pesquisas desenvolvidas por Del Ré (2006), Scarpa (2001), Cezario e Martellota (2008), Dias (2010), Soares (2006).

A organização do trabalho contempla a seguinte estrutura: inicialmente traçamos um percurso do contexto histórico que trata das pesquisas que deram origem aos estudos do processo de aquisição da linguagem. Na sequência, apresentamos, de forma breve, as principais correntes teóricas que dão base aos estudos atuais sobre a aquisição da linguagem. E por fim, apresentamos alguns apontamentos conclusivos embasados nas nossas análises teóricas.

PERCURSO HISTÓRICO DAS PESQUISAS SOBRE A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Os estudos atuais sobre aquisição da linguagem vêm sendo desenvolvidos a partir de diferentes modelos teórico-metodológicos que refletem concepções de sujeito e de linguagem, também diversas. Para entender esse processo consideramos importante situar o contexto histórico da origem dos estudos já desenvolvidos.

A aquisição da linguagem é um tema que desperta o interesse dos estudiosos desde a antiguidade. Porém, o desenvolvimento dos primeiros estudos sistemáticos sobre a aquisição da linguagem só vieram se concretizar no século XIX através de experiências que os linguistas ou filólogos realizavam com seus próprios filhos, ao estudar a fala infantil.

Del Ré (2006) em consonância com Sparta (2006), confirmam que os primeiros registros referem-se a estudos guiados paterno e ao mesmo tempo profissional, ou seja, estudiosos (linguistas ou filósofos) que elaboraram diários da fala espontânea de seus filhos, eram os chamados “diaristas” que estudavam os próprios filhos.

De acordo com Del Ré (2006), nesse contexto histórico do século XIX, o objeto de estudo da Linguística ainda não tinha sido delimitado, e nem havia um método de estudo definido. Assim, os diaristas que observavam a linguagem dos seus próprios filhos, realizavam estudos com uma metodologia descritiva, longitudinal, que consistia em acompanhar o desenvolvimento da linguagem de uma criança por um longo tempo, anotando o que a criança diz. E conforme Scarpa (2006) em situações naturalísticas, ou seja, em um ambiente natural em que as crianças desenvolvem suas atividades cotidianas.

Embora já realizassem esses estudos, “[...] os ‘diaristas’, linguistas ou filósofos, interessados pela linguagem da criança, realizavam estudos descritivos, longitudinais e

naturalísticos, mas não tinham ainda o objetivo de chegar a uma teoria. [...]” (DEL RÉ, 2006, p. 14, grifo da autora).

A autora ainda afirma que a partir do século XX, com as contribuições dos trabalhos realizados por Saussure e Bloomfield,

[...] a Linguística consegue sua autonomia e passa a ser reconhecida como um estudo científico: deixa-se de privilegiar a condição histórica e volta-se o olhar para a perspectiva descritiva; observam-se e descrevem-se os fatos linguísticos com base em determinados pressupostos teóricos. (DEL RÉ, 2006, p. 14).

Desse modo, os linguistas ou filósofos, os chamados diaristas, que tinham interesse em realizar estudos sobre a aquisição da linguagem das crianças, os faziam, usando a metodologia descritiva, longitudinal e naturalística. Só na segunda metade do século XX, surge outra metodologia de pesquisa que passa a ser utilizada nos estudos da aquisição da linguagem, a metodologia do tipo transversal, que “[...] baseia-se no registro de um número relativamente grande de sujeitos, muitas vezes classificados por faixas etárias. [...]” (SCARPA, 2006, p. 204). A pesquisa que utiliza a metodologia transversal, geralmente é, ao mesmo tempo, experimental, pois em oposição as do tipo naturalísticas, os fatores e variantes, são controlados e depois testados. Essa metodologia foi utilizada pelas diversas subáreas da linguística.

AS CORRENTES TEÓRICAS QUE EMBASAM OS ESTUDOS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem é um aprendizado bastante complexo, há quem considere que é um dos mais complexos que o homem desenvolve, e sua aprendizagem estende-se por toda a vida.

Nos estudos da aquisição da linguagem, há várias teorias/abordagens que embasam as pesquisas e buscam explicar o processo de aquisição da linguagem. Nesse sentido, este tópico se dedica a apresentar um breve panorama das principais correntes aquisicionistas da linguagem. É importante frisar que a nossa intenção não é fazer uma descrição detalhada de cada uma, mas apresentá-las em uma perspectiva geral.

Com base na compreensão de que “[...] Não existe correntes teóricas melhores ou piores, há, sim, aquelas que parecem explicar melhor os processos linguísticos que chama a nossa atenção. [...]” (DEL RÉ, 2006, p. 40). Apresentamos as três principais correntes teóricas: o empirismo, o racionalismo, e o interacionismo social.

O EMPIRISMO

As teorias da aquisição da linguagem que tem como base o empirismo, são “[...]aquelas para as quais o conhecimento é derivado da experiência. [...]” (SANTOS, 2008, p. 216), ou seja, não considera a existência da mente como componente essencial no processo de aquisição. Sendo assim, essa corrente teórica não vê a mente com capacidade inata, nem os seres humanos com conhecimentos. Assim, como o conhecimento vem da experiência, a única capacidade inata que ele possui é a de “[...] formar associações entre estímulos e respostas (E-R)”. (DEL RÉ, 2006, p.18).

Nesta corrente teórica há duas teorias da aquisição da linguagem, a saber, o *behaviorismo* e o *conexionismo*.

O behaviorismo

A teoria behaviorista desenvolveu seu conhecimento linguístico seguindo como base a teoria da aprendizagem. Para Scarpa (2006),

[...] A aprendizagem da linguagem seria fator de exposição ao meio e decorrente de mecanismos comportamentais como reforço, estímulo e resposta. Aprender a língua materna não seria diferente, em essência, da aquisição de outras habilidades e comportamentos, como andar de bicicleta, dançar, etc. já que se trata, ao longo do tempo, do acúmulo de comportamentos verbais. [...] (SCARPA, 2006, p. 206).

A respeito dessa perspectiva, o pensamento abordado por Santos (2008), defende que “Skinner propunha ser capaz de prever e controlar o comportamento verbal mediante variáveis que controlam o comportamento (estímulo, resposta, reforço) e a especificação de como essas variáveis interagem para determinar uma resposta verbal particular.” (SANTOS, 2008, p. 2017).

Desse modo, assim como nas demais habilidades, o desenvolvimento da linguagem é análogo a qualquer outro aprendizado. Ou seja, à medida em que a criança tivesse um reforço positivo, a tendência era que o comportamento, nesse caso, a linguagem se mantinha; nessa mesma linha de pensamento, a resposta pode ter um reforço negativo causando a eliminação do comportamento; e quando não há nenhum tipo de reforço (positivo ou negativo) a tendência é que o comportamento desapareça.

O desenvolvimento dos conhecimentos linguísticos baseados no behaviorismo fundamenta-se no processo indutivo de aquisição, tendo em vista que considera somente os fatos observáveis da língua e não tem nenhuma preocupação “[...] com a existência de um componente estruturador, organizador, que possa estar trabalhando junto com os dados (experiência) na construção da gramática de uma língua particular. (SANTOS, 2008, p. 2017).

Isso significa dizer que a aprendizagem da língua materna seria um processo desenvolvido através de respostas e estímulos. Sendo assim, “[...] A articulação torna-se um hábito, e a criança, numa etapa seguinte, passa a imitar os sons que ouve. Ela faz associações entre sons e coisas, inicialmente e, em seguida, aprender a associar uma palavra a uma coisa que está ausente.” (CEZARIO; MARTELOTTA, 2009, p. 207).

De acordo com Santos (2008) a aquisição da linguagem compreendida com base behaviorismo, apresenta alguns problemas, a saber: A *aquisição do léxico*, que obscurece a diferença entre referência e significado; a *competência*, pois não há uma explicação na teoria behaviorista que explique o fato de a criança, em seu processo de aquisição da linguagem, produz e compreende sentenças que nunca ouviram antes de seus interlocutores, visto que “[...] nem todas sentenças têm sua referência no contexto em que são produzidas. [...]” (SANTOS, 2009, p. 2918).

Além disso, segundo Santos (2008), há outra questão que o behaviorismo não consegue explicar, como por exemplo: a rapidez do processo de aquisição da língua materna, pois se o aprendizado da língua seria por imitação, deveria levar um tempo de “[...] exposição à língua para que a criança adquirisse um repertório suficiente de frases para que pudéssemos dizer que ela ‘aprendeu’ uma língua.” (SANTOS, 2009, p. 218, grifo da autora).

O connexioninismo

O connexionismo ou associacionismo, que também faz parte do pensamento empirista, é uma proposta relativamente nova, surgiu nos últimos 30 anos. Diferente do behaviorismo, o connexionismo considera a mente como participante do processo de aquisição da linguagem. Esta proposta, portanto, “[...] admite que o cérebro e suas redes neurais sejam responsáveis pelo aprendizado instantâneo, no momento da experiência empírica. (DEL RÉ, 2006, p. 19). “Os modelos connexionistas têm por objetivo explicar os mecanismos que embasam o processamento mental, e a linguagem é apenas um desses processos. [...]” (SANTOS, 2008, p. 219).

Del Ré (2006) e Santos (2008), afirmam que, com base nessa corrente de pensamento, o aprendizado se dá de forma *ad hoc* analisando o que ocorre com a quantidade de dados de entrada (*input*) e a variabilidade dos dados de saída (*output*), admitindo analogias e generalizações e a busca de interações entre o organismo (rede neural) e o ambiente.

Assim, em concordância com Del Ré (2006), podemos observar que para o conexionismo, o estímulo-resposta (E-R), diferente do que propõe os behavioristas, não está no meio externo, mas na base neural. Isso significa dizer que os modelos conexionistas consideram a “[...] mente como participante do processo de aquisição [...]” (DEL RÉ, 2006, p. 19). Ou seja, Para Santos (2008), essa teoria assume a existência de elemento de aprendizagem interno e que a partir desse a aprendizagem acontece por meio das experiências.

Desse modo, a aprendizagem acontece por meio de estímulos (dados de entrada) e respostas (dados de saída) com as conexões neurais por meio das interações entre o organismo e o ambiente. Pois sempre que um estímulo é ativado, ativa-se também determinados neurônios, que reforçam a conexão, criando uma rede que permite acionar toda a rede cada vez que um neurônio receber um estímulo. Dessa forma, “[...] O algoritmo da aprendizagem, então modifica a força entre as conexões da rede, o que permite a codificação de informações.” (SANTOS, 2008, p. 220). Isso implica dizer que “[...] A conexão entre os neurônios é alterada pelos dados de entrada. [...] A aprendizagem se dá pela modelagem estatística de inferências.” (SANTOS, 2008, p. 220)

É importante deixar claro que mesmo sendo uma teoria que considera elementos criativos no processo de aquisição da língua, vez que busca a interação entre mente e ambiente, de acordo com Del Ré (2006), esta teoria não fornece explicações suficientes que deem conta de compreender a rapidez com que a criança aprende uma língua, como aprende, quando começa a aprender.

O RACIONALISMO

Os estudiosos da linguística, a exemplo de Noam Chomsky, compreendendo que a teoria behaviorista não dá conta de explicar os processos de aquisição da linguagem, por se tratar de explicações simples “[...] para um fenômeno tão complexo e tão diferente de outros tipos de aprendizagem. [...]” (CEZARIO; MARTELOTTA, 2009, p. 208), que não conseguem justificar como compreendemos ou produzimos frases que nunca falamos ou escutamos antes, como as crianças aprendem a falar tão rápido.

Por essas razões, muitas críticas foram tecidas ao modelo behaviorista, principalmente por Noam Chomsky, porque de acordo com entendimento deste linguista, esta teoria não oferecia uma explicação convincente da linguagem por três razões principais:

[...] em primeiro lugar, a teoria fora concebida a partir de experiências laboratoriais com animais; em segundo lugar, o autor utilizou uma terminologia muito geral para a descrição de termos essenciais como, por exemplo, estímulo, resposta e reforço; em terceiro lugar, o modelo do adulto não é sempre perfeito, o que leva a crer que a aprendizagem da linguagem é também motivada por necessidades internas da própria criança (CHOMSKY, 1959, *apud* SOARES, 2006, p. 13)

Assim, em reação as explicações simplistas sobre a aquisição da linguagem, dadas pelas teorias empiristas, surge a corrente teórica racionalismo que passa a não apenas admitir a existência da mente, mas a atribuir a esta uma responsabilidade pela aquisição da linguagem, vez que pressupõe uma capacidade inata ao processo de aquisição, ao buscar estabelecer uma relação entre a linguagem e a mente. (DEL RÉ, 2006).

O Inatismo

Na década de 1960, em oposição ao behaviorismo, nasce o inatismo como uma proposta teórica que pressupõe que a aquisição da língua não se baseia na imitação ou na memorização, mas na ideia de que “[...] o ser humano é dotado de uma gramática inata [...]” (SANTOS, 2008, p. 220). Uma teoria que procura dar conta da competência criativa da linguagem, “[...] a teoria chomskiana apoiou-se no pressuposto de que o ser humano dispõe de uma capacidade inata para a linguagem.” (SOARES, 2006, p. 13, grifo da autora).

Os inatistas acreditam que

[...] a criança é equipada geneticamente de um "dispositivo de aquisição da linguagem" (*language acquisition device*) que lhe dá acesso às categorias gramaticais e às estruturas gramaticais de base, ou seja, a criança recebe o input da linguagem do adulto e analisa-o.” (SOARES, 2006, p. 14, grifos da autora)

Isso significa dizer que o ser humano já nasce com uma carga de conhecimentos linguísticos, porém esses conhecimentos não são ativados de forma espontânea, é necessário o contato com o meio. Pois, “[...] para que o processo se inicie, não basta a capacidade inata, é preciso que a criança esteja em determinado meio (social, cultural, etc.) em que esteja pessoas falando, para que seja estimulada a falar [...]” (DEL RÉ, 2006, p. 20).

Seguindo esta mesma linha de pensamento, Cezario e Martelotta (2009) afirmam que Chomsky e seus seguidores buscaram explicar os motivos que fazem com que as crianças aprendam a falar rapidamente porque já nascem com um dispositivo inato de aquisição da linguagem. Ou seja, essa proposta sugere que “[...] a criança tem uma Gramática Universal (GR) inata que contém as regras de todas as línguas, e cabe a ela selecionar as regras que estão ativas na língua que está adquirindo. [...]” (SANTOS, 2006, p. 221).

Desse modo, os falantes iniciantes de uma língua têm conhecimentos sobre o funcionamento linguístico geral, e incluída nesses conhecimentos, está a competência linguística que torna a criança capaz de saber os princípios que envolvem a organização de sentenças da língua, o que possibilita, desde cedo, as crianças saberem falar as frases seguindo a sequência linear na organização dos itens lexicais. Ou seja, não precisa de memorização ou imitação para que as crianças saibam organizar uma frase em sua sequência (nome, verbo, adverbio, etc.). Exemplo: Quando uma criança está com fome ela não estrutura a sentença dessa forma: “fome estou eu”. Ela fala empregando a seguinte estrutura: “Eu estou com fome”. Conhecimentos como esses são considerados, pelos defensores dos estudos da teoria inatista, como um conhecimento linguístico inato.

O cognitivismo/construtivismo

Essa perspectiva tem por base a ideia de que “[...] o desenvolvimento das estruturas do conhecimento ou estruturas cognitivas é feito pela interação entre ambiente e organismo. [...]” (CEZARIO; MARTELOTTA, 2009, p. 212), e vincula a linguagem aos domínios cognitivos.

Os estudos realizados por Jean Piaget constituem a base científica para as pesquisas sobre desenvolvimento do cognitivismo, sendo portanto, fundamentais para a compreensão dos processos de construção do conhecimento. De acordo com Dias (2010), Piaget entende “[...] que *as crianças não herdam capacidades mentais prontas, apenas o modo de interação com o ambiente.* [...]” (DIAS, 2010, p. 02, grifo da autora). Em outras palavras, a construção do conhecimento, nesse caso, da linguagem, acontece de forma gradativa, uma vez que as aquisições vão acontecendo com base em resultados gerados por novas descobertas, à medida em que as atividades intelectuais visam à adaptação do sujeito ao ambiente. Desse modo, a criança constitui sua inteligência interagindo com o mundo, com esquemas mentais, o que possibilitam apreender a realidade.

Desse modo, compreendendo a aquisição e o desenvolvimento da linguagem como processos que necessitam do raciocínio da criança. Com base nessa concepção, Del Ré (2006)

afirma que, Piaget (considerado o fundador dessa teoria) sugere que “[...] o sujeito constrói estruturas (conhecimento) com base na experiência com o mundo físico, ao interagir e ao reagir biologicamente a ele, no momento da interação”. (DEL RÉ, 2006, p. 22).

Porém, para o teórico, não basta a criança ser simplesmente exposta ao ambiente de interação social, pois considera a aquisição e desenvolvimento da linguagem como uma sequência construtiva da inteligência. Para isso, é necessário que a criança desenvolva um estágio de maturidade, já que o desenvolvimento cognitivo está relacionado aos aspectos biológicos.

Sendo assim, a teoria piagetiana, propõe que no desenvolvimento cognitivo, a criança passa por diferentes estágios (gerais e universais), e em cada um deles a criança desenvolve um conjunto de esquemas cognitivos que lhe possibilita compreender o mundo e atuar sobre ele, ou seja, capacidades consideradas necessárias para passar para o estágio seguinte.

Os estágios da evolução mental, apresentados por Piaget são: Sensório-motor (0 a 18/24 meses); pré-operatório (2 a 7 anos); operatório concreto (7/8 a 11/12 anos); operatório formal (11/12 anos em diante).

No estudo do processo de aquisição da linguagem, os estágios que interessam são o Sensório-motor – período em que a criança constrói uma diversidade de conceitos fundamentais, como por exemplo, o da permanência do objetivo, a capacidade de imitação à evolução das capacidades intelectuais da aquisição da linguagem. De acordo com Dias (2010), nesse período a atividade cognitiva do sujeito caracteriza-se por ser de natureza sensorial e motora, com a ausência da função semiótica, isto é, que ainda não representa mentalmente os objetos.

E o estágio pré-operatório – período em que a criança desenvolve a capacidade simbólica, o que possibilita reduzir a dependência exclusiva das suas diversas sensações e de suas ações motoras. Uma característica marcante desse estágio é o egocentrismo, a criança não consegue se colocar na perspectiva do outro. É nesse estágio que ocorre o aparecimento da linguagem, da brincadeira simbólica e da imitação. (DIAS, 2010).

O interacionismo

Embora em seus estudos Piaget considere a interação com o meio social, não levou em consideração o papel do outro no processo de aquisição e de desenvolvimento da linguagem, tendo em vista que para ele, o processo de maturação, passando pelos estágios acontece de forma individual. Assim, para buscar entender a interação com o outro, surge o

interacionismo, tendo como defensor Vygotsky, que propõe a ideia de que o conhecimento é construído socialmente por meio das relações com o outro.

Nesse sentido, tratando-se da aquisição da linguagem, o adulto desenvolve um papel essencial como mediador das informações que as crianças recebem do meio. As crianças, ao recebê-las as transformam em uma linguagem interna, própria/individual, por isso a importância do outro como interlocutor no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

Nesse processo de interação com a linguagem em que a criança aprende com o adulto, Del Ré (2006) chama atenção para o fato de que a criança, em seu processo de aquisição da linguagem passa por uma fase de transição entre o que consegue fazer sozinha e o que ainda não é capaz de fazer sozinha, a chamada Zona de Desenvolvimento Proximal. Isso implica dizer que a criança aprende com o adulto o que em um curto período de tempo passa a ser capaz de fazer sozinha.

Santos (2008), tendo como base os estudos interacionistas defendidos por Vygotsky, afirma que o papel do adulto é de suma importância, pois é ele quem cria a intenção comunicativa e é o facilitador do processo de aquisição. Por isso a necessidade da interação com o outro, do interlocutor no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem. Dessa forma, é válido afirmar que a linguagem é desenvolvida por meio da troca comunicativa entre a criança e o adulto.

O INTERACIONISMO SOCIAL

A aquisição da linguagem proposta pelo interacionismo social, tem como inspirador Vygotsky, que compreende que vai além do interacionismo porque leva em consideração a interação da criança com o adulto no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem.

A perspectiva teórica baseada no interacionismo social propõe que no processo de aquisição da linguagem, a criança é um sujeito que participa ativamente do seu processo de construção do conhecimento, no caso específico, da linguagem, através da mediação do outro. Não basta simplesmente interagir com o adulto em um processo natural de interação, mas este precisa exercer a função de mediador. (DEL RÉ, 2006).

Nesse sentido, a autora acrescenta que “A base para o desenvolvimento linguístico infantil está na associação entre interação social e troca comunicativa com outro, que pode ser não apenas um adulto, mas também uma criança. (DEL RÉ, 2006, p. 25). Em outras palavras, a criança adquire e desenvolve a linguagem através de sua inserção no universo da linguagem,

e é nesse universo que acontecem a interação social em que o sujeito mais experiente desempenha o papel de mediador entre a criança e os objetos.

Esta perspectiva teórica considera as intenções comunicativas que envolvem as interações biológicas com os processos sociais das crianças, desde cedo, entendendo como um componente necessário na aquisição da linguagem. Assim, Borges e Salomão (2003), compreendem que

[...] as relações da criança com os adultos são fundamentais para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, visto constituir-se como um sistema dinâmico, através do qual ambos contribuem com suas experiências e conhecimentos para o curso da interação, estabelecendo uma relação recíproca e bidirecional. (BORGES; SALOMÃO, 2003, p. 328)

Desse modo, o interacionismo social valoriza as interações sociais considerando-as como essenciais para o processo de aquisição da linguagem da criança, buscando explicar que as interações podem/devem ser mediadas por adultos ou outras crianças que já tenha desenvolvido a linguagem, e compreendendo que as construções, nesse processo, as duas partes (crianças e adultos), sendo por isso, uma teoria que possibilita levar em consideração o contexto sociocultural em que a criança está inserida.

CONCLUSÕES

Os estudos acerca do processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem são um tanto desafiadores, uma vez que busca explicações de como ocorre esse processo, e principalmente a rapidez com que ele acontece. Neste trabalho, buscamos, de forma breve, trazer explicações com base nas diversas teorias que embasam as pesquisas acerca da aquisição da linguagem.

Temos consciência de que com este trabalho não foi possível tratar de forma conclusiva e completa de todos os aspectos que nos propusemos a refletir, mas acreditamos que a partir das nossas reflexões apresentadas aqui é possível que o leitor possa aprofundar suas reflexões e análises acerca da aquisição da linguagem com base nas referências.

Diante das reflexões e análises teóricas desenvolvidas, acreditamos que não existe uma corrente teórica única que dê conta de explicar o processo de aquisição da linguagem, mas há a necessidade de uma interdisciplinaridade, ou seja, de um diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento que envolve a aquisição da linguagem.

REFERÊNCIAS

BORGES, Lucivanda Cavalcante; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro. Aquisição da Linguagem: Considerações da Perspectiva da Interação Social. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**. vol.16, n.2. Porto Alegre, 2003. pp. 327-336

CEZARIO, Maria Maura; MARTELLOTA, Mário Eduardo. Aquisição da linguagem. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008

DEL RÉ, Alessandra. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. In: _____. (Org.). **Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística**. São Paulo: Contexto, 2006.

DIAS, Fernanda. O desenvolvimento cognitivo no processo de aquisição de linguagem. In: **Revista Letrônica**. v. 3, n. 2, dez./2010. Rio Grande do Sul: PPGL/PUCRS, 2010. pp. 107-119. Disponível em < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/index> > Acesso em 05 jun 2018.

SANTOS, Raquel. A aquisição da linguagem. In: FIORIN, José Luiz. (Org.). **Introdução a linguística**. Ed. 5. São Paulo: Contexto, 2008.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristina (Orgs.). **Introdução a linguística: domínios e fronteiras**. Ed. 5. São Paulo: Cortez, 2006.

SOARES, Maria Vilani. Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: três abordagens. In: **Revista Gatilho**. Ano II: V 4, Set. 2006. Juiz de Fora/MG: UFJF, 2006. Disponível em < <http://www.ufjf.br/revistagatilho/edicoes-antiores/ano-ii-volume-4-setembro-2006/> > Acesso em 05 jun 2018.